

# A casa holandesa

Ann Patchett

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by Ann Patchett

TÍTULO ORIGINAL  
The Dutch House

PREPARAÇÃO  
Fernanda Machtyngier

REVISÃO  
Wendell Sussuarana  
Eduardo Carneiro

PINTURA DA CAPA  
Noah Saterstrom

DESIGN DE CAPA  
Robin Bilardello

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO DE MIOLO  
Estúdio Insólito

REVISÃO DE E-BOOK  
Laura Zúñiga

GERAÇÃO DE E-BOOK  
Joana De Conti

E-ISBN  
978-85-510-0660-3

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel/Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

## Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

## Parte dois

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

## Parte três

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

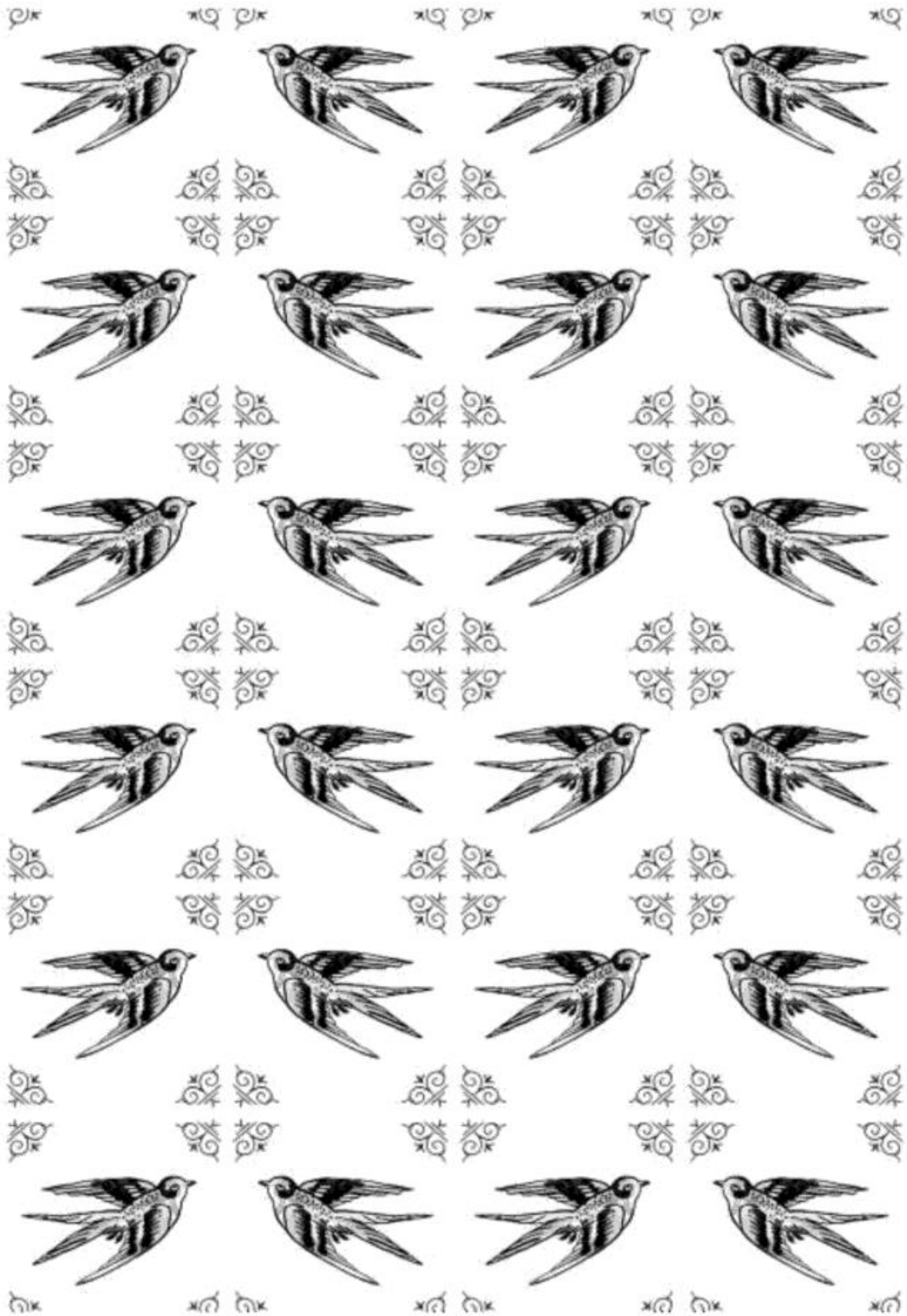
[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)



*Este livro é para Patrick Ry*







# *parte um*





A PRIMEIRA VEZ que nosso pai trouxe Andrea à Casa Holandesa, Sandy, nossa empregada, veio até o quarto de minha irmã e nos mandou descer.

– Seu pai trouxe alguém que quer que vocês conheçam – disse ela.

– É alguém do trabalho? – perguntou Maeve.

Ela era mais velha, por isso tinha um entendimento mais complexo sobre relações pessoais.

Sandy pensou na pergunta.

– Eu diria que não. Onde está seu irmão?

– Na janela – respondeu Maeve.

Sandy precisou abrir as cortinas para me encontrar.

– Por que você tem que fechar as cortinas?

Eu estava lendo.

– Privacidade – respondi, embora, aos oito anos, eu não tivesse noção alguma do que fosse privacidade. Gostava da palavra e gostava da sensação de casulo que as cortinas proporcionavam quando estavam fechadas.

Quanto à visita, era um mistério. Nosso pai não tinha amigos, pelo menos não do tipo que viesse à nossa casa no fim de uma tarde de sábado. Deixei meu esconderijo e fui até o topo da escada para me deitar no tapete que cobria o piso. Sabia por experiência própria que, se deitasse no chão e olhasse por entre o pilar e o



primeiro balaústre, conseguiria ver a sala de estar. Lá estava nosso pai em frente à lareira com uma mulher, e, pelo que pude perceber, eles estavam analisando os retratos do Sr. e da Sra. VanHoebeek. Levantei e voltei para o quarto da minha irmã para apresentar meu relatório.

– É uma mulher – contei a Maeve, mas Sandy já sabia disso.

Sandy perguntou se eu tinha escovado os dentes, o que significava que ela queria saber se eu tinha escovado os dentes naquela manhã. Ninguém escovava os dentes às quatro da tarde. Sandy estava fazendo tudo sozinha, porque Jocelyn folgava nas tardes de sábado. Já tinha acendido a lareira, atendido à porta e oferecido bebidas e, além de tudo isso, também estava responsável por meus dentes. Sandy folgava às segundas. Tanto ela quanto Jocelyn também folgavam aos domingos, porque meu pai achava que as pessoas não deviam trabalhar aos domingos.

– Escovei – respondi, porque provavelmente tinha escovado.

– Escove de novo – disse ela. – E penteie o cabelo.

Depois ela se dirigiu à minha irmã, que tinha o cabelo comprido, preto e grosso como o rabo de dez cavalos amarrados juntos. Por mais que ela penteasse, nunca parecia penteado.

Uma vez apresentáveis, Maeve e eu descemos e ficamos embaixo do vão largo do vestíbulo, vendo nosso pai e Andrea observarem os VanHoebeeks. Eles não perceberam que estávamos ali, ou não pareceram perceber – difícil dizer –, então esperamos. Maeve e eu sabíamos como ficar quietos em casa, um hábito criado para tentar não irritar nosso pai, embora ele ficasse ainda mais irritado quando achava que estávamos chegando de fininho. Ele estava usando o terno azul. Nosso pai nunca usava terno aos

sábados. Pela primeira vez percebi que seu cabelo estava começando a ficar grisalho na nuca. Ao lado de Andrea, ele parecia ainda mais alto do que era.

– Deve ser um consolo tê-los por perto – disse Andrea, referindo-se não aos filhos, mas aos quadros.

O Sr. e a Sra. VanHoebeek, cujos primeiros nomes eu nunca tinha ouvido, eram mais velhos em seus retratos, mas não totalmente idosos. Ambos vestiam roupas pretas e portavam-se de maneira ereta e formal, que exprimia outra época. Mesmo em suas molduras separadas, pareciam tão juntos, tão *casados*, que eu sempre imaginei se tratar de um quadro grande que alguém cortou ao meio. Andrea inclinou a cabeça para trás a fim de analisar aqueles quatro olhos astutos que pareciam seguir e reprovar um garoto independentemente do sofá em que ele escolhesse se sentar. Em silêncio, Maeve enfiou o dedo entre minhas costelas para me fazer gritar, mas eu me segurei. Nós ainda não tínhamos sido apresentados a Andrea, que, por trás, parecia pequena e elegante em seu vestido cinturado, com um chapéu preto que não era maior que um pires preso em uma mecha de cabelos claros. Tendo sido educado por freiras, eu sabia que não devia rir e constranger um convidado. Andrea não tinha como saber que as pessoas nos quadros tinham vindo com a casa, que tudo na casa tinha vindo com a casa.

Os VanHoebeeks da sala de estar eram a grande atração, um documento em tamanho real de pessoas gastas pelo tempo, os rostos severos e desagradáveis reproduzidos com exatidão holandesa e uma compreensão também claramente holandesa da incidência da luz, mas havia dúzias de outros retratos menores em

todos os andares – filhos nos corredores, antepassados nos banheiros, pessoas sem nome que eles admiravam espalhadas por toda parte. Havia também um retrato da Maeve de quando tinha dez anos que, embora não fosse tão grande quanto os quadros dos VanHoebeeks, era tão bom quanto. Meu pai havia trazido de trem um famoso artista de Chicago. Conforme contam, era para ele ter pintado nossa mãe, mas ela, que não fora avisada de que o pintor ficaria hospedado em nossa casa por duas semanas, se recusou a posar, então ele pintou Maeve. Quando o retrato foi finalizado e emoldurado, meu pai o pendurou na sala de estar bem em frente aos VanHoebeeks. Maeve gostava de dizer que foi ali que ela aprendeu a encarar as pessoas.

– Danny – disse meu pai quando finalmente se virou, como se esperasse nos encontrar exatamente onde estávamos. – Venha cumprimentar a Sra. Smith.

Sempre vou acreditar que a cara de Andrea caiu por um instante quando ela nos viu. Ainda que meu pai não tivesse mencionado os filhos, ela devia saber que ele tinha algum. Todos em Elkins Park sabiam o que acontecia na Casa Holandesa. Talvez ela tivesse pensado que fôssemos ficar lá em cima. Afinal, Andrea tinha vindo ver a casa, não as crianças. Ou talvez tivesse feito aquela cara só para Maeve, que, aos quinze anos e de tênis, já era uma cabeça mais alta que ela, que estava de salto. Maeve passou a se curvar quando começou a ficar claro que ela seria mais alta do que todas as meninas da turma e que a maioria dos garotos, e nosso pai era implacável ao corrigir sua postura. *Cabeça-para-cima-ombros-para-trás* poderia muito bem ser o nome dela. Durante anos, sempre que passava por Maeve em um cômodo, ele batia entre as escápulas

dela com a palma da mão. Esse hábito trouxe uma consequência indesejável: Maeve mantinha a postura de um soldado na corte da rainha, ou a da própria rainha. Até eu percebia quanto ela podia intimidar: sua altura, a muralha preta e brilhante que era seu cabelo, o modo como baixava os olhos para olhar para as pessoas em vez de curvar o pescoço. Mas aos oito anos eu ainda era confortavelmente menor do que a mulher com quem meu pai viria a se casar. Estendi o braço para apertar sua mãozinha e disse meu nome, depois Maeve fez o mesmo. Embora digam que Maeve e Andrea entraram em conflito desde o início, isso não é verdade. Maeve foi perfeitamente razoável e educada quando elas se conheceram, e permaneceu assim até não ser mais possível.

– Como vai? – perguntou Maeve, e Andrea respondeu que ia muito bem.

Andrea ia bem. É claro que ia. Há anos o objetivo dela era entrar na casa, enlaçar o braço no de nosso pai ao subir os largos degraus de pedra e atravessar o terraço de ladrilhos vermelhos. Ela era a primeira mulher que nosso pai trazia para casa desde que minha mãe partira, embora Maeve tenha me dito que ele tivera alguma coisa com a babá durante um tempo, uma irlandesa chamada Fiona.

– Você acha que ele dormia com a Fofinha? – perguntei.

Fofinha era como chamávamos Fiona quando éramos crianças, em parte porque eu tinha dificuldade em dizer seu nome e em parte por causa dos cachos macios de cabelo ruivo que desciam por suas costas como uma nuvem fascinante. A notícia desse caso chegou a mim como a maioria das notícias chegava: muitos anos depois do acontecido, pela minha irmã, dentro do carro parado em

frente à Casa Holandesa.

– Ou isso ou ela limpava o quarto dele no meio da noite – disse Maeve.

Meu pai e a Fofinha em flagrante delito. Balancei a cabeça.

– Não consigo imaginar.

– Você não devia tentar *imaginar*. Meu Deus, Danny, que nojo. De qualquer forma, você era praticamente um bebê no tempo da Fofinha. Fico surpresa até de você se lembrar dela.

Mas a Fofinha tinha batido em mim com uma colher de pau quando eu tinha quatro anos. Ainda tenho uma pequena cicatriz no formato de um taco de golfe no lado do olho esquerdo – a marca da Fofinha, como Maeve chamava. Fofinha alegou que estava cozinhando um panelão de molho de maçã quando eu a assustei ao puxar sua saia. Ela disse que estava tentando me afastar do fogão e certamente nunca teve a intenção de me bater, embora eu acredite que seja difícil bater no rosto de uma criança com uma colher de pau sem querer. A história só era interessante por ser minha primeira lembrança clara – de outra pessoa ou da Casa Holandesa ou da minha vida. Eu não tinha nenhuma lembrança de nossa mãe, mas me lembrava da colher da Fofinha atingindo a lateral da minha cabeça. Eu me lembro que Maeve, que estava no fim do corredor quando eu gritei, veio voando em direção à cozinha do mesmo jeito que o cervo voava por cima da cerca nos fundos da casa. Ela se jogou contra a Fofinha, que bateu no fogão, as chamas azuis saltando quando a panela de molho de maçã fervente caiu no chão e todos fomos queimados por respingos pontuais. Fui levado ao consultório médico e levei seis pontos, fizeram um curativo na mão de Maeve e Fofinha foi demitida,

embora eu me lembrasse de vê-la chorando e dizendo que sentia muito, que tinha sido um acidente. Ela não queria ir. De acordo com minha irmã, esse tinha sido o outro relacionamento de nosso pai, e ela devia saber o que estava falando, porque, se eu tinha quatro anos quando ganhei aquela cicatriz, ela já tinha onze.

Por acaso, os pais da Fofinha tinham trabalhado para os VanHoebeeks como motorista e cozinheira. Fofinha havia passado a infância na Casa Holandesa, ou no pequeno apartamento em cima da garagem. Por isso, quando seu nome surgiu, depois de tantos anos, perguntei-me para onde ela teria ido quando foi despedida.

Fofinha era a única pessoa na casa que conhecera os VanHoebeeks. Nem mesmo nosso pai os conheceu, embora nos sentássemos em suas cadeiras, dormíssemos em suas camas e fizéssemos as refeições com suas louças. Os VanHoebeeks não eram a história, mas de certa forma a casa era, e a casa era deles. Fizeram fortuna no ramo de distribuição de cigarros, um negócio de sorte em que o Sr. VanHoebeek entrara antes do início da Primeira Guerra Mundial. Os soldados recebiam cigarros no campo de batalha para levantar o ânimo, hábito que os acompanhou na volta para celebrar uma década de prosperidade. Os VanHoebeeks, que ficavam mais ricos a cada hora, mandaram construir uma casa em uma área que, na época, era agricultável, nos arredores da Filadélfia.

O estrondoso sucesso da casa poderia ser atribuído ao arquiteto, apesar de não ter encontrado nenhum outro exemplo de seu trabalho quando resolvi procurar. É possível que um dos austeros VanHoebeeks – ou ambos – tivesse algum tipo de estética

visionária, ou que a propriedade tenha inspirado uma admiração além do que qualquer um deles pudesse imaginar, ou que os Estados Unidos pós-Primeira Guerra estivessem repletos de artesãos que trabalhavam segundo padrões há muito abandonados. Qualquer que seja a explicação, a casa em que eles acabaram vivendo – a casa em que mais tarde nós acabamos vivendo – era uma confluência singular de talento e sorte. Não sei explicar como uma casa de três andares podia parecer ter a quantidade ideal de espaço, mas parecia. Ou talvez fosse mais adequado dizer que era uma casa grande demais para qualquer pessoa, um desperdício enorme e ridículo, mas nunca quisemos que fosse diferente. A Casa Holandesa, como ficou conhecida em Elkins Park, Jenkintown, Glenside e em toda parte até a Filadélfia, referia-se não à arquitetura da casa, mas a seus habitantes. A Casa Holandesa era o lugar onde aqueles holandeses com nomes impronunciáveis viviam. Vista de certa distância, parecia flutuar alguns centímetros acima da colina em que ficava. Os painéis de vidro que cercavam as portas de entrada, também de vidro, eram grandes como vitrines de lojas e sustentados por trepadeiras de ferro forjado. As janelas absorviam a luz do sol e a refletiam de volta pelo extenso gramado. Talvez fosse neoclássica, mas com uma simplicidade de linhas que se aproximava do estilo mediterrâneo ou francês, e, embora não fosse holandesa, dizia-se que as cornijas azuis na sala de estar, na biblioteca e no quarto principal tinham sido arrancadas de um castelo em Utrecht e vendidas para os VanHoebeeks para pagar as dívidas de jogo de um príncipe. A casa – incluindo as cornijas – fora concluída em 1922.

– Eles viveram bons sete anos, até que os banqueiros

começaram a pular das janelas – disse Maeve, localizando nossos antecessores na história.

A primeira vez que ouvi alguém falar da propriedade que havia sido vendida foi naquela primeira visita de Andrea. Ela seguiu nosso pai até o vestíbulo e ficou olhando para o gramado da frente.

– Tem muito vidro – disse Andrea, como se estivesse calculando se poderia ser trocado, substituído por uma parede. – Não te preocupa que as pessoas consigam ver dentro da casa?

Não só era possível ver dentro da Casa Holandesa, como também através dela. A casa era menor no meio, e o hall de entrada levava diretamente para o qual chamávamos de observatório, que tinha uma parede de janelas que dava para o quintal. Da calçada da rua, o olhar da pessoa subia os degraus da entrada, atravessava o terraço, as portas da frente, o amplo piso de mármore do hall e o observatório até chegar aos lilases ondulando despreocupados no jardim atrás da casa.

Nosso pai olhou para o teto e depois para os dois lados da porta, como se só agora estivesse pensando nisso.

– Estamos bem longe da rua – disse.

Naquela tarde de maio, o muro de tílias que corria os limites do terreno estava espesso de folhas, e o gramado verde em declive onde eu rolava como um cachorro durante o verão parecia profundo e largo.

– Mas à noite – disse Andrea, com a voz preocupada. – Estou me perguntando se daria para instalar umas cortinas.

Cortinas para bloquear a visão me parecia não apenas impossível, mas a ideia mais idiota que eu já ouvira.

– Você já nos viu à noite? – perguntou Maeve.



– É importante se lembrar da quantidade de terra que havia aqui quando eles construíram a casa – respondeu nosso pai, ignorando Maeve. – Eram mais de oitenta hectares. A propriedade ia até Melrose Park.

– Mas por que eles venderam?

De repente, Andrea percebeu que a casa faria muito mais sentido se não houvesse outras casas. A linha de visão iria muito além do gramado em declive, atravessando os canteiros de peônias e as rosas. A intenção era que o olhar viajasse por um amplo vale até chegar a uma floresta, para que, mesmo que os VanHoebeeks ou um de seus convidados olhassem pela janela do salão à noite, a única luz que veriam seria a das estrelas. Não havia uma rua naquela época, não havia uma vizinhança, embora agora tanto a rua quanto a casa dos Buchsbaums, do outro lado, ficassem completamente visíveis no inverno, quando as folhas caíam das árvores.

– Dinheiro – respondeu Maeve.

– Dinheiro – repetiu nosso pai, assentindo.

Não era uma noção complicada. Mesmo aos oito anos eu conseguia entender.

– Mas eles estavam errados – afirmou Andrea, e vi uma tensão ao redor de sua boca. – Pense em como este lugar devia ser lindo. Se alguém me perguntasse, eu diria que eles deveriam ter tido mais respeito. A casa é uma obra de arte.

Então eu ri, porque entendi que Andrea estava dizendo que os VanHoebeeks deviam ter perguntado a *ela* antes de vender a terra. Meu pai, irritado, mandou Maeve me levar para cima, como se eu tivesse esquecido o caminho.

Cigarros prontos, alinhados dentro de caixinhas, eram um luxo pelo qual só os ricos podiam pagar, assim como os hectares nunca pisados por seus proprietários. Pouco a pouco a terra foi sendo reduzida. O declínio da propriedade foi tratado em registros públicos, a história registrada em escrituras. Os lotes foram vendidos para pagar dívidas – quatro hectares, depois seis, depois doze. Elkins Park foi se aproximando cada vez mais da porta. Foi assim que a família VanHoebeek resistiu à Depressão, para ver o Sr. VanHoebeek morrer de pneumonia em 1940. Um dos garotos morreu na infância e os dois mais velhos na guerra. A Sra. VanHoebeek morreu em 1945, quando não havia mais nada a vender além do jardim lateral. A casa, e tudo que havia nela, voltou para o banco, do pó ao pó.

Fofinha ficou para trás, como cortesia da Poupança e Empréstimo da Pensilvânia, e recebia um pequeno salário para cuidar da propriedade. Os pais dela tinham morrido, ou talvez encontrado outros empregos. De qualquer maneira, ela vivia sozinha em cima da garagem e olhava a casa todos os dias para ter certeza de que não havia vazamentos no telhado, ou de que os canos não haviam estourado. Fofinha fazia um caminho reto entre a garagem e a porta da frente com um cortador de grama e deixava o restante do gramado crescer. Colhia as frutas das árvores que ainda restavam nos fundos da casa e fazia manteiga de maçã e conservas de pêssego para o inverno. Em 1946, quando nosso pai comprou a casa, os guaxinins tinham tomado conta do salão e mastigado a fiação. Fofinha só entrava na casa quando o sol estava a pino, bem na hora em que todos os animais noturnos estavam empilhados uns sobre os outros, dormindo profundamente. Foi

um milagre os bichos não terem incendiado a casa. Os guaxinins acabaram capturados e descartados, mas deixaram para trás as pulgas, que se infiltraram por toda parte. Maeve dizia que suas primeiras lembranças da vida na casa eram a coceira e Fofinha salpicando os vergões com um cotonete embebido em loção de calamina. Meus pais acabaram contratando Fofinha para ser babá da minha irmã.



A primeira vez que Maeve e eu estacionamos na rua VanHoebeek (*Van Rubeic*, mas que todo mundo em Elkins Park pronunciava erroneamente como *Van Roubic*) foi também a primeira vez que voltei para casa da escola Choate, para o recesso de primavera. Naquele ano a primavera foi só no nome, porque o solo estava coberto por quase meio metro de neve, uma piada de Primeiro de Abril para coroar um inverno amargo. A primavera de verdade, fiquei sabendo no primeiro ano de internato, existia para os garotos que iam com os pais velejar nas Bermudas.

– O que você está fazendo? – perguntei quando ela parou o carro na frente da casa dos Buchsbaums, que ficava em frente à Casa Holandesa.

– Quero ver uma coisa.

Maeve inclinou o tronco para a frente e apertou o acendedor de cigarros do carro.

– Não tem nada para ver aqui – falei. – Vamos.

Eu estava mal-humorado por causa do tempo e por algo que via como injustiça entre aquilo que eu tinha e aquilo que eu merecia, mas ainda assim estava feliz por estar de volta a Elkins Park, feliz

por estar no carro da minha irmã, a van Oldsmobile azul da nossa infância que meu pai deixou que ela levasse quando se mudou para um apartamento só dela. Como eu tinha quinze anos e, via de regra, era um idiota, pensei que a sensação de lar que estava vivenciando tinha a ver com o carro e o lugar onde estava estacionado, em vez de atribuí-la total e reconhecidamente à minha irmã.

– Você está com pressa de chegar a algum lugar?

Ela sacudiu um cigarro para fora do maço e colocou a mão sobre o acendedor. Se você não estivesse aí para pegar o acendedor, ele seria arremessado com força e faria um buraco no banco ou no tapete ou na sua perna, dependendo de onde caísse.

– Você dirige até aqui quando estou na escola?

Pop. Ela pegou o acendedor e acendeu o cigarro.

– Não.

– Mas aqui estamos – afirmei.

A neve caía constante e macia enquanto a última luz do dia se encerrava entre as nuvens. Maeve tinha a natureza de uma caminhoneira islandesa; nenhum tempo ruim era capaz de detê-la, mas eu acabara de desembarcar de um trem e estava cansado e com frio. Pensei que seria bom fazer queijo quente e afundar na banheira. Banhos de banheira eram objeto de ridicularização sem fim na Choate, nunca entendi por quê. Apenas os chuveiros eram considerados viris.

Maeve encheu os pulmões de fumaça, exalou e desligou o carro.

– Pensei em vir aqui algumas vezes, mas decidi esperar você.

Ela sorriu para mim, abrindo a janela apenas o suficiente para deixar entrar um pouco de ar ártico. Antes de ir para Choate enchi

o saco dela para que parasse de fumar, mas depois esqueci de contar que eu mesmo tinha começado. Fumar era o que fazíamos em vez de tomar banho de banheira.

Levantei a cabeça para enxergar a entrada.

– Está vendo elas?

Maeve olhou pela janela do motorista.

– Não sei por que, mas sempre fico pensando naquela primeira vez que ela nos visitou, há um milhão de anos. Você se lembra?

É claro que eu me lembrava. Quem poderia esquecer a visita de Andrea?

– E ela falou aquilo sobre se preocupar com as pessoas olhando pelas nossas janelas à noite?

Assim que essas palavras saíram de sua boca, o hall de entrada foi inundado pela luz quente e dourada do lustre. Então, depois de um tempo, as luzes da escada se acenderam, e, alguns instantes depois, a da suíte no segundo andar. A iluminação da Casa Holandesa pareceu tão perfeitamente cronometrada com suas palavras que meu coração quase parou. É claro que Maeve *tinha* vindo até a casa sem mim. Ela sabia que Andrea acendia a luz no exato instante em que o sol se punha. Negar era apenas teatro da minha irmã, e depois reconheci seu esforço quando percebi isso. Era um show e tanto.

– Olha só para aquilo – sussurrei.

Não havia folhas nas tílias, e a neve caía, mas não muito espessa. Obviamente dava para enxergar dentro da casa, através da casa, não em detalhes, é claro, mas as lembranças completavam a imagem: a mesa redonda sob o candelabro, onde Sandy deixava a correspondência para nosso pai à noite, e atrás dela o relógio de

pêndulo no qual era minha responsabilidade dar corda todo domingo depois da missa, para que o navio abaixo do número seis continuasse a balançar suavemente entre as duas fileiras azuis de ondas pintadas. Eu não conseguia ver o navio ou as ondas, mas sabia que estavam lá. Havia o aparador em formato de meia-lua encostado na parede, o vaso de cobalto com a pintura da menina e do cachorro, as duas cadeiras francesas onde ninguém se sentava, o espelho gigante cuja moldura sempre me fazia imaginar tentáculos retorcidos de um polvo dourado. Andrea atravessou o hall como se tivesse ensaiado. Estávamos muito longe para ver seu rosto, mas eu a reconhecia pelo jeito de andar. Norma desceu as escadas a toda a velocidade e parou de repente porque a mãe teria lhe dito para não correr. Norma estava mais alta agora, mas acho que talvez pudesse ser Bright.

– Ela deve ter nos observado – disse Maeve – antes daquela primeira visita.

– Ou talvez todo mundo tenha nos observado, todo mundo que descia esta rua no inverno.

Coloquei a mão dentro da bolsa de Maeve e peguei o maço de cigarros.

– Isso parece um pouco egocêntrico – afirmou Maeve. – *Todo mundo.*

– É o que nos ensinam na Choate.

Ela riu. Percebi que ela não esperava rir, e isso me deixou muito feliz.

– Cinco dias inteiros com você em casa – disse ela, soprando fumaça pela janela aberta. – Os cinco melhores dias do ano.



DEPOIS DE SUA primeira visita à Casa Holandesa, Andrea permaneceu como um vírus. Quando tínhamos certeza de que não a veríamos mais e meses se passavam sem que ninguém mencionasse seu nome, ela surgia à mesa de jantar novamente, a princípio retraída pela ausência, mas se soltando aos poucos com o tempo. Quando já confortável, Andrea não falava de outro assunto que não fosse a casa. Estava sempre falando sobre algum detalhe da sanca ou especulando sobre a altura exata do pé-direito, como se o teto fosse algo completamente novo para nós.

– Aquele padrão se chama ovo e dardo – dizia ela, apontando para cima.

Assim que atingia o limite do tolerável, ela desaparecia de novo, e o alívio tomava conta de mim e de Maeve (e, supúnhamos, de nosso pai) com seu silêncio glorioso.

Houve o domingo em que voltamos da missa e a encontramos sentada em uma das cadeiras de ferro brancas à beira da piscina, ou Maeve a encontrou. Maeve estava caminhando pela biblioteca e a viu pela janela por acaso. Ela não chamou nosso pai, como eu faria; simplesmente foi até a porta dos fundos na cozinha e saiu.

– Sra. Smith? – chamou Maeve, protegendo os olhos com a mão.

Nós a chamamos de Sra. Smith até eles se casarem, e nunca fomos encorajados a chamá-la de outro jeito. Acho que depois que eles se casaram ela gostaria que a chamássemos de Sra. Conroy,